

A Guerra Química

Através

da História

1.º Ten Com
PAULO CÉSAR MIRANDA DE AZEVEDO

De Suas Origens à 1.ª Guerra Mundial

No fim da tarde de 22 de abril de 1915, uma espessa nuvem amarelo-esverdeada, aproveitando o vento que soprava na direção das posições franco-canadenses entre Langemarck e Bixschoote, avançou ao longo da extremidade nordeste do saliente de Yprès, na Bélgica. Uma "muralha" de cloro de quase 3 km de comprimento e 25 m de altura, atingiu as trincheiras aliadas, provocando resultados assombrosos. Começara a Guerra Química.

O emprego de gases asfixiantes, como arma de guerra, é muito antigo. No Sítio de Platéia, em 428 aC, durante a Guerra do Peloponeso, Arquidamos, filho de Zeuxidacuos, rei dos lacedemônios, fez queimar achas de madeira com pez e enxofre, nos fossos que circundavam os muros da cidade, tendo levantado uma fumaça sufocante, venenosa, que visava a afugentar os defensores para um assalto, mas fortes chuvas dissiparam a fumaça e apagaram o incêndio. Cinco anos mais tarde, ainda durante a Guerra de Peloponeso, a mesma técnica resultou em sucesso completo, no Sítio de Délío. A fumarada deletéria impediu que os defensores apagassem o fogo. Foi, ainda, usado pelos espartanos um ancestral do atual lança-chamas que auxiliou os sitiantes na conquista da cidade.

Bem mais perto de nosso tempo, na Idade Média, há registros de usos de gases venenosos. Em 1456, o Sítio de Bel-

grado pelos turcos foi levantado quando um alquimista preparou uma mistura. Ensojavam-se trapos com agentes químicos; depois de secos esse trapos foram queimados quando o vento soprava para o lado das posições turcas. A fumaça provocou morticínio entre os turcos que o comandante, cristão, determinou que os gases só fossem utilizados contra os infiéis.

Também Leonardo Da Vinci está incluído dentre aqueles que preparavam armas que expeliam gases, fumaças e chamas. Todavia, devido a outros fatores, os gases não foram relacionados para emprego em combate de forma efetiva, a não ser depois de 1811, quando oficiais da Marinha Britânica recomendaram a utilização dos vapores de enxofre (SO_2) em combate.

Quando da retirada para Berlim das tropas prussianas, comandadas pelo General Von Bulow que enfrentaram as de Napoleão Bonaparte, um farmacêutico aconselhou a Von Bulow que, ao invés de empregar as baionetas de seus fuzis, seus soldados por ocasião dos contra-ataques, durante o combate corpo a corpo, empregassem pincéis molhados em Ácido Cianídrico (tóxico do sangue) para atingir a boca, nariz ou olhos dos inimigos, a fim de facilitar a penetração do violento tóxico.

Durante a Guerra Civil Americana, duas vezes os gases foram considerados para emprego. Pela primeira vez, a 5 de abril de 1862 um Sr. João W. Doughty, de Nova York, propôs a fabricação de uma granada contendo cloro líquido, alegando que sob o aspecto moral, o gás minoraria a sangreira do campo de batalha, e ao mesmo tempo tornaria mais decisivos os conflitos. Em 1864, a revista "The Popular Science Review", em seu artigo escrito por E. W. Richardson, sugeriu um modelo de granada venenosa, sob a forma de globos aéreos que, ao serem lançados sobre seus adversários, explodiriam espalhando gases letais.

O emprego da lidite pelos ingleses na África do Sul, durante a Guerra dos Boêrs, provocou grande celeuma internacional sobre o uso do gás. Somente os pequenos efeitos táticos evitaram o avolumar dos debates.

Cabe ainda referir do conhecimento dos gases por parte dos indígenas no Continente Americano. Os gases eram obtidos de maneira idêntica à empregada pelos espartanos e mesmo pelos assírios no sítio de suas cidades. Acendiam-se grandes fogueiras, e quando o vento soprava contra o local sitiado, eram colocadas urtigas venenosas saturadas com óleo de peixe ou então quantidades de pimenta, de acordo com as disponibilidades das regiões. Os efeitos da fumaça tóxica provocavam lágrimas, náuseas, vômitos, cefaléia e desorganizavam as defesas adversárias. O emprego de tais gases foi adotado várias vezes contra os europeus, assim como flechas incendiárias, com as quais foi queimada e destruída a Buenos Aires da primeira fundação.

A Guerra Química na 1.^a Conflagração Mundial

Os gases só vieram a obter largo emprego militar durante a 1.^a Guerra Mundial. Muito embora fossem enormes as possibilidades de emprego de gases como arma tática, os alemães os consideravam como força não ponderável na sua preparação para o primeiro conflito mundial. Quando, no outono de 1914, o esforço alemão para destruir as forças francesas perdeu seu impeto no Marne, teve início uma corrida desesperada entre o Exército Alemão e as Forças Britânico-Francesas para a busca de flanco. A corrida terminou no Canal da Mancha, perto de Nieuport; os adversários se enfrentaram numa linha que se estendia por centenas de quilômetros desde a Mancha até a fronteira suíça. Embora poucos pudessem perceber naquela ocasião, a mobilidade no campo de batalha terminara e a era da Guerra de Trincheira havia começado. Essa estabilização das frentes de combate, com grandes efetivos aferrados ao terreno e abrigados em fortificações cada vez mais perdurava, renunciando uma longa guerra de desgaste para a qual os alemães não estavam preparados, fizeram-nos lançar mão de uma única arma capaz de atingir os aliados em seus abrigos — "GÁS".

O Professor Frederico Haber, do Instituto Kaiser Guilherme, de Berlim, fazia experiências com gases venenosos desde dois meses antes da paralização da frente. Tentou primeiro

o foscênio (CG), mas uma explosão no laboratório matou seu assistente, professor Sochur. Depois disso os testes foram conduzidos para o cloro e seus compostos. Em abril de 1915 Haber estava pronto para a primeira experiência. O local escolhido foi Yprès.

Podemos apontar como causas imediatas para o lançamento dos gases naquele conflito as seguintes:

1. Os alemães não possuíam reservas de matérias-primas suficientes para manter uma longa guerra de desgaste com o armamento e munições clássicas;
2. Possuíam por outro lado, matérias-primas em abundância e um corpo de técnicos altamente desenvolvido, para a produção de agentes químicos de guerra;
3. O único meio de atingir as tropas aliadas, abrigadas em trincheiras cada vez mais profundas, era o emprego de um gás tóxico mais pesado que o ar.

No fim da tarde de 22 de abril de 1915, perto de Yprès, três foguetes luminosos foram lançados de um balão alemão ancorado nas proximidades do saliente aliado. Este foi o sinal para os soldados alemães abrirem as torneiras de 5.000 cilindros de cloro e lidite, colocados à retaguarda de seu dispositivo de trincheiras. Eles haviam aguardado durante algum tempo, um vento favorável que pudesse levar o gás mortal às trincheiras aliadas. Jatos do gás verde pardacento juntaram-se em uma grande nuvem, que logo cobriu a tropa das primeiras linhas de duas divisões francesas. Soldados em pânico, cegos e sufocados, irromperam pela retaguarda da nuvem. Outros, imobilizados, mortos ou agonizantes, jaziam nas trincheiras.

Tendo provado sua capacidade em abrir brecha, nas trincheiras, a guerra de gases tornou-se um duelo de inventividade entre os Aliados e as Potências Centrais. Melhores gases, sistemas de lançamentos mais engenhosos e melhores meios de proteção individual surgiram rapidamente, desde as compressas de pano embebidas em carbonato de sódio, tio-sulfato de sódio, passando pelo Véu negro dos ingleses, o

Na realidade, porém, só depois da Conferência de Genebra de 1925 é que diversos países cogitaram mais abertamente do problema da proibição da Guerra Química. Pelo protocolo, posto em vigor em 1928, o documento estipulava que "o emprego bélico de gases asfixiantes, venenosos e outros, e o de todos os líquidos materiais e mecanismos análogos foi justamente condenado pela opinião geral do mundo civilizado... portanto, a fim de que essa proibição seja universalmente aceita como parte da Lei Internacional que rege a consciência e os atos das Nações, declararam que as Altas Partes Contratantes não partícipes, ainda, de tratados que vedem tais armas, aceitam a proibição...". Alguns países como o Brasil, Japão e EUA, nunca ratificaram definitivamente, sendo que o último apesar da não assinatura continuava a afirmar de viva voz que jamais utilizaria gases em primeiro lugar.

Conhecedores da antiga e sábia frase latina "Se queres a paz prepara-te para a guerra", países europeus e os EUA continuaram, apesar das cartas proscrevendo os agentes químicos de guerra, as pesquisas para descoberta de melhoria de agentes passíveis de emprego em novos conflitos, bem como de meios utilizáveis no lançamento desses agentes. Assim apareceram a Mostarda Destilada; as Nitrogênio-Mostardas; a Cloracetofenoma; a Mistura Trióxido de Enxofre-Ácido Clorosulfônico, as Soluções Lacrimogêneas; Tubos Fumígenos, Geradores de Fumaça e Tanques Espargidores.

A Guerra Química na 2.^a Guerra Mundial

Os sucessos obtidos pelos gases na I Guerra Mundial, foram tão grandes e calaram tão profundamente na opinião pública que até hoje há ainda quem limite a concepção da Guerra Química exclusivamente ao emprego de agentes contra o pessoal. Tal conceito é evidentemente errôneo, porquanto o emprego dos gases é não só uma das três grandes aplicações da Guerra Química, mas justamente aquela cujo uso é mais limitado dependendo de fatores e circunstâncias nem sempre presentes na guerra.

Esses fatores e circunstâncias por sinal, não aconselham o seu uso na 2.^a Guerra Mundial. Primeiro, sob o ponto de vista tático, a Alemanha seria prejudicada se lançasse gases persistentes em seus primeiros avanços. Depois, quando ela passou à defensiva, perdeu o controle do ar e suas cidades ficaram sem cobertura.

Um segundo fator foi o aspecto não decisivo da arma, demonstrado no conflito anterior.

Outro foi o medo da retaliação. Na maior parte dos casos, tal como ocorre com quase todos os engenhos, os dois oponentes têm como revidar. A política dos Aliados Ocidentais, quanto à Guerra Química, foi anunciada ao mundo, de maneira inequívoca, pelos EUA e Grã-Bretanha em 1942. O Presidente Franklin D. Roosevelt anunciou, então, a política americana de emprego de gases somente como medida retaliatória e preveniu aos japoneses de que "a represália seria feita na mesma moeda e em escala total".

A força legal do Protocolo de Genebra, de 1925, pode ser um quarto motivo.

O quinto, segundo o Departamento de Guerra dos EUA, foi a responsabilidade da opinião pública em parte, pela decisão contrária ao lançamento de gás contra os japoneses, em 1945.

O sexto e último fator, estreitamente relacionado com o fato de não ser o gás arma decisiva, é apresentar este meio inconveniente na conduta das operações. Os ganhos que ele proporcionasse não compensaria os prejuízos resultantes duma "guerra com gases" pelos dois adversários.

Mas se os agentes contra pessoal sofreram tal limitação, o mesmo não sucedeu com os fumígenos e incendiários, que tiveram neste conflito o mais largo emprego, quer em operações táticas quer em operações estratégicas, pelas forças terrestres navais e aéreas.

Apesar de não terem sido utilizados, durante a Segunda Guerra Mundial, muitos gases foram descobertos e produzidos, particularmente os de efeito nervosos: Tabum (GA), Sarin (GB) e Soman (GD). Vinte vezes mais tóxicos do que

o cianureto de hidrogênio (gás de ação sobre o sangue desenvolvido pelos franceses), estes gases eram tão mortíferos que amedrontaram até o próprio Hitler. Seus efeitos eram letais em menos de meio minuto, tendo o poder de causar baixas antes mesmo de ser detectado.

Aspectos Atuais da Guerra Química e a Posição Norte-Americana

Após o término da 2ª Guerra Mundial, todos os membros das Nações Unidas assumiram o compromisso solene, na primeira sessão da Assembléia Geral, a 25 de janeiro de 1946, de eliminar quaisquer armas de destruição em massa. Em 1948, durante a Assembléia Geral das Nações Unidas, o então Secretário-Geral Triggvie Lie chamou a atenção dos membros para o fato de que estavam esquecendo, ante o horror atômico, o problema das armas químicas.

A 6 de agosto de 1955, uma Comissão Civil, designada pelo Chefe do Serviço Químico Norte-Americano para estudar a missão e estrutura das armas referidas, recomendou em seu relatório o fabrico de agentes químicos, dado o seu efeito dissuasor em guerras possíveis, e para serem realmente empregados caso se modifiquem os conceitos e políticas. A política americana continuará, pois, a mesma. O país não utilizaria os gases mas guardaria o direito de usá-los "só em represália".

Os EUA ignoravam a posição internacional sobre a prática mas durante a Guerra da Coréia não utilizaram os gases. Tem-se apenas notícias do emprego de "gases vomitivos e lacrimogêneos" contra prisioneiros de guerra comunistas em tumulto. Isto, no entanto seria considerada apenas uma ação policial, nos quais os gases têm uso livre em todo o mundo.

Desde que os EUA admitiram publicamente que estavam empregando desfolhantes, vomitivos e lacrimogêneos desde 1961 no Vietnam, as Nações Unidas tomaram uma série de medidas condenatórias e a opinião pública norte-americana começou a manifestar-se contrária a tal emprego.

A administração de Johnson recusou-se a assinar o Protocolo de Genebra de 1925 durante os períodos de sessão da Assembléia Geral de 1966 e 1968. Nesse momento, o Protocolo estava assinado por 84 Nações. Apenas o Japão e os EUA estavam sem assinar, entre os principais. A onda de clamor mundial, motivada pelas possíveis provas de que os gases tido como herbicidas, lacrimogêneos e vomitivos matavam velhos, crianças e doentes, além de provocarem abortos, cegueiras e diarréias, que em certos indícios levavam à morte, e outros danos de tal natureza pediam que o seu emprego fosse proibido. Em vista de tal manifestação, o Presidente Richard Nixon solicitou ao Congresso em 25 de novembro de 1969 que o Protocolo de Genebra de 1925 fosse ratificado pelos Estados Unidos. Todavia, face a posição internacional tendente a considerar crime de guerra o emprego de desfolhantes, lacrimogêneos e vomitivos em ações bélicas — O Governo Nixon não incluiu tais gases, reservando-se os EUA o direito de utilizá-los quando lhes convier nas desordens internas e outras ações de polícia. Ainda assim, as manifestações no início de 1970 fazem prever que em breve os EUA renunciarão também a tais tipos de gases, no que seria seguido pelas restantes nações do mundo, pois dentro desta resolução é que devemos encarar o afundamento das reservas de armas neurotóxicas na Costa da Flórida, que estão levantando outra questão e, inclusive protesto da Comissão das Nações Unidas sobre o uso do mar. Em 14 de fevereiro de 1970, o Presidente Nixon decidiu destruir as reservas de armas tóxicas. Ao mesmo tempo as fábricas em Fort Detrik, Maryland e Pine Bluff, no Arkansas, foram fechadas como instalações militares e deverão ser entregues ao Departamento da Agricultura. Os Estados Unidos estão, pois, numa posição delicada já que, tendo renunciado às armas químicas letais, devem destruir todos os seus estoques, todavia o perigo ainda está latente, não extinto, sabendo perfeitamente essa grande nação como proceder futuramente.

— “O receio de uma guerra nuclear total poderia conceivelmente, impedir os soviéticos de usar armas atômicas — se outros meios pudessem realizar seus propósitos. Se isso for verdade, estamos, neste momento, num período de desenvolvimento de outras armas que não trazem consigo o horror da destruição total — pois estamos sujeitos às mesmas pressões que os comunistas, talvez maiores, pois nos preocupamos mais com o bem-estar de nosso povo e com o de nossos aliados. Se os vermelhos conseguirem superioridade tal nas novas armas químicas e biológicas que não nos seja possível igualá-las ou encontrar uma proteção contra elas, nossa força nuclear poderá ter valor puramente acadêmico.” (General-de-Divisão Marshall Stubbs, Chefe do Corpo Químico do Exército dos Estados Unidos.)

BIBLIOGRAFIA

- “Chemical and Biological Weapons” — Matew S. Meselson
 “Paliçadas e gases asfixiantes entre os indígenas da América do Sul” — Erland Nordenskiöld
 “Correio do Povo — Nov 1970 — Fernando G. Sampaio
 “Publicações da Military Review” — Edições Brasileiras
 “Notas de aula da Escola de Instrução Especializada” — Agentes Químicos
 “A conduta da guerra de 1789 aos nossos dias” — J. F. C. Fuller
 “Estratégia Militar e Desarmamento” — Nelson Freire Lavanère-Wanderley
 “Leis da Guerra e Armas Nucleares” — Mário Pessoa

“A moderna estratégia não mais se baseia apenas em operações militares em larga escala, mas inclui manobras políticas, econômicas, tecnológicas e psicológicas, além da penetração ideológica, capazes de aumentar os fatores de poder de uma nação ou coalizão.”